

# O SÁ

Artur Azevedo

I

Fora um boêmio outrora,  
E, para atenuar o seu passado  
Vadio e dissoluto,  
Costumava a dizer: - O meu tributo  
Paguei - Era outro agora:  
Tranqüilo e sossegado,  
Muito bem comportado,  
Tal qual Pêro Botelho  
Que se faz ermitão depois de velho,  
Ou como certas cortesãs que, ao cabo  
De uma vida de gozos e loucuras,  
Julgando assim ficar menos impuras,  
Voltam a Deus o que não quis o diabo.

Ele, entretanto, ainda não era idoso;  
Da montanha da vida não chegara  
Ao cume pavoroso:  
Cinqüenta anos não tinha, e - coisa rara! -  
Não obstante a existência que levara,  
Estava já grisalho, mas não tinha  
Esses pés de galinha  
A que no mundo pouca gente escapa,  
E que o aspecto dão à nossa cara  
De castanha ou de mapa.  
É que a pele, que estica,  
Livre de sulcos mais ou menos fica,  
E o Sá (era esse o nome  
Do herói dessa novela)  
Se havia sido em moço um magricela  
E padecido fome,  
Teve, afinal, sossego  
Quando, volvidos quase os quarenta anos,  
Num suculento emprego,  
Fez boas digestões, dormiu bons sonos,  
E entrou, como entra um pássaro, na muda.  
Tanto corpo deitou, engordou tanto,  
Que era um deus-nos-acuda,  
E até causava a toda a gente espanto.  
Os amigos de outrora  
Não no reconheciam,  
Quando sereno por acaso o viam  
Medindo os passos pela rua afora,  
Respirando virtude  
E vendendo saúde.

No entanto, que passado!  
Que existência infeliz de aventureiro!  
Ator, contínuo, sacristão, soldado,  
Negociante, jogador, ficheiro,  
Grande "pianista" de primeira classe,  
Tudo o Sá tinha sido;  
Não houve profissão que não tentasse,  
Sem haver em nenhuma se mantido,  
Afinal - tudo cansa! - encontrou rumo,  
E assentou no lugar, que lhe foi dado,  
De fiscal do consumo,  
Graças a um deputado,  
Seu companheiro antigo,  
Que por milagre inda era seu amigo.  
Numa província aonde o levara a sorte,  
Já não sei se do sul ou se do norte,  
O Sá gostara de uma pequerrucha  
Que, apesar de gorducha,  
Não deixava de ter seus atrativos.  
Olhos travessos, petulantes, vivos,  
E magníficos dentes.  
- Não são precisos mais ingredientes  
Para alimento de uma paixãozinha,  
E esses a nossa provinciana os tinha.  
Ela perdera ambos os pais; morava  
Em casa da madrinha  
Que com olhos de mãe a vigiava,  
- Tanto que Sá tentou, como um demônio,  
Possuir a pequena  
Sem a preliminar do matrimônio  
Que, a dar-lhe ouvidos, não valia a pena;  
Mas a madrinha, vigilante hiena,  
Pondo a cidade inteira em alvoroço,  
Cortou-lhe o mau intento,  
E, como estava apaixonado, o moço  
Teve que sujeitar-se ao casamento.

Mas na manhã seguinte,  
Por negregado acinte  
O Sá (que a tudo um bárbaro se afoita)  
Da cidade abalou sem dizer nada,  
Abandonando a esposa de uma noite,  
Casada e não casada!  
Nunca se soube ao certo  
Se ele achou descoberto  
Aquilo que supunha inexplorado,  
Ou se foi simplesmente  
Um injusto, um malvado.

Que numa forca não padeceria  
Castigo suficiente.  
O caso é que daquele  
Dia em diante - angustioso dia,  
Cuja lembrança os nervos arrepele!  
- Ela não teve mais notícias dele,  
Nem ele as teve dela.

Da janela do quarto em que morava  
Entre nuvens de fumo  
Que num cachimbo sórdido aspirava,  
O fiscal do consumo  
Namoriscava uma mulher magrinha,  
Que nas lides caseiras avistava  
No interior da cozinha  
De um sobrado do qual só via os fundos.  
Não sei por que, a vizinha,  
Entre panelas, caldeirões imundos,  
Tachos e caçarolas,  
Impressionou-o a ponto  
De o fazer dar às solas,  
Tonto, ainda mais tonto  
Que quando requestava a moça imbele  
Que se casou com ele.  
À vizinha sorria  
Aos gatimanhos que lhe o Sá fazia,  
E não tardou que uma correspondência  
Epistolar houvesse...  
Desimpedida a mísera não era:  
"Deus a livrasse que o doutor soubesse...  
Tinha ciúme de fera!  
Entretanto, a explorava,  
Tornando-a, coitadinha,  
Numa espécie de escrava,  
Metida na cozinha."  
O Sá pensou, com certo fundamento,  
Que, na impossibilidade  
De recorrer a novo casamento  
Pois não sabia, na realidade,  
Qual era o seu estado,  
Se viúvo ou casado,  
Precisava arranjar, da sua idade,  
Uma mulher solteira  
Que quisesse ser sua companheira;  
Escreveu à vizinha cozinheira  
E na carta lhe disse  
Que de casa saísse  
E fosse procurá-lo,  
Pois lhe daria muito mais regalo.  
Ela, que estava farta  
Do tal doutor, mal recebeu a carta,  
Por aqui é o caminho:  
Logo trocou de ninho!  
O Sá ficou pasmado e boquiaberto,  
Vendo agora, de perto,  
Que era a boa vizinha  
Sua mulher que emagrecido tinha,  
- E ao mesmo tempo ela reconhecia  
Naquele novo amante  
O esposo magro que engordado havia!  
Que cena interessante!  
Ela contou a sua história triste,  
E ele, o cínico, achou-lhe certo chiste!

Repelida dos seus, da sua terra,  
Onde esteve na berra,  
De mão em mão andara,  
Até que a sorte avara  
Deu com ela no Rio de Janeiro.  
E aqui, depois de ser do mundo inteiro,  
Caiu nas mãos do tal doutor mesquinho,  
E agora, loucamente,  
Às seduções cedendo de um vizinho,  
Vinha neste encontrar - fado inclemente!  
O marido que outrora  
De maneira tão vil se fora embora!

III

Indivíduos na terra os há capazes  
Das mais feias e estranhas aventuras;  
As duas criaturas  
Celebraram as pazes,  
E o Sá, que no impudor não tem segundo,  
Deu este exemplo ao mundo  
De um cidadão casado,  
Co'a legitima esposa amasiado.

(Contos em Verso)